

## Observações Finais

Vimos que as noções de transitividade, complemento, termos complementares e acessórios tal como apresentadas tradicionalmente vêm causando dificuldades ao ensino/aprendizado da língua materna.

Com o propósito de encontrar um caminho de análise condizente com os fatos linguísticos, procedemos à revisão dos modelos de análise mais praticados em sala de aula, veiculados por compêndios de gramática e livros didáticos.

De acordo com o que foi visto, um dos problemas mais evidentes diz respeito aos complementos preposicionados, entre os quais se incluem os complementos relativos e os circunstanciais (Cf. Rocha Lima e Bechara).

Estudos mais recentes como os de Bechara (a partir de 1999), Moura Neves, Busse e Vilela e a dissertação de Mestrado de Brito, por nós escolhidos, entre outros, para a revisão da literatura, apontam um caminho mais fecundo e racional a ser seguido pelo professor. Com isso, não estamos propondo que se imponha aos aprendizes a discussão do problema teórico. Essa atitude cabe ao professor. Os fatos devem ser apresentados com clareza, as estruturas analisadas de acordo com suas características, partindo-se dessas etapas para as classificações, e não o contrário. Com esse procedimento, não estaremos forçando estruturas a entrar em grupos rotulados a que não se adaptam, nem forçando análises incoerentes.

Assim, consideramos que há princípios que se impõem na análise das orações do português: 1- o verbo é o núcleo da oração e 2- cada verbo determina o número de espaços (lugares) a serem preenchidos para sua realização.

Tal atitude implica que a transitividade do verbo é virtual. Os espaços (argumentos) previstos podem não estar presentes por motivos de ordem contextual ou pragmática.

O sujeito tradicional ( $A_1$ ) é um argumento do verbo. Há verbos que não preveem o argumento externo (sujeito) nem outro qualquer, geralmente os que indicam fenômenos da natureza. A adoção desse ponto de vista evita o choque da aceitação do sujeito como termo essencial da oração ante a evidência de que há orações sem sujeito.

Consideramos que um caminho saudável e exequível passa pelo estudo da valência verbal e da caracterização dos argumentos. Os argumentos à direita do verbo podem ser formalmente semelhantes, mas com características diferenciadas de acordo com seu tipo de relação com o verbo. Sirvam de exemplo, mais uma vez, os complementos de medida, duração e preço. Sejam os exemplos:

(201) O rapaz mediu as prateleiras.

(202) As prateleiras medem setenta centímetros.

Nos dois casos temos um termo à esquerda do verbo, o sujeito, e um complemento à direita, aparentemente um  $A_2$  (objeto direto).

Examinando cuidadosamente os argumentos à direita do verbo nos dois exemplos, observa-se que, em (201), o termo ‘prateleiras’ responde à pergunta ‘(o) *que* (é *que*) +  $A_1$  +  $V$ ’; pode ser comutado pelo pronome oblíquo na forma acusativa *as*; passa a sujeito na transformação passiva.

Observe-se que nem todos os verbos que preveem o espaço  $A_2$  admitem a transformação passiva, o que vai depender de outra ordem de fatores que não cabe aqui aprofundar. No exemplo (202), a pergunta ‘*quanto as prateleiras medem?*’ teria como resposta o actante à direita do verbo, ‘*setenta centímetros*’; a comutação do termo se faria com o pronome *isso/isto*; não há possibilidade de transformação passiva.

Não é aconselhável impor-se aos aprendizes a classificação dos dez tipos de actantes propostos por Busse e Vilela. Entretanto, é indispensável reconhecer as características de cada tipo e observar que uma análise meramente formal pode levar a equívocos.

No que diz respeito aos verbos de ligação + predicativo do sujeito, acreditamos ter argumentado adequadamente quanto ao fato de esse grupo de verbos não ter valência. Lembramos que a afirmação de que toda oração tem um verbo não implica concluir que os verbos de ligação têm valência nem negar suas características verbais, do mesmo modo que não podem ser negadas as características de tempo, modo e pessoa dos verbos auxiliares.

O propósito deste trabalho residiu, antes de tudo, no estabelecimento da distinção entre complemento e adjunto. Cremos que o objetivo foi satisfatoriamente alcançado. No decorrer da pesquisa, afloraram pontos importantes para a descrição linguística como um todo, tais como as relações semânticas entre os verbos e seus argumentos, a ampliação e solução de valência, entre outros. Num outro momento, serão tópicos a serem tratados e aprofundados.